

# Fundação Biblioteca Nacional

Ministério da Cultura



Programa Nacional de Apoio à Pesquisa  
2010

## Programa Nacional de Apoio à Pesquisa

Fundação Biblioteca Nacional - MinC

Juliana da Costa Teodolino



*Pensamento e política em Jorge de Sena: participações no “Portugal Democrático”*

2010

**LIBERDADE**

Ser livre é querer ir e ter um rumo  
e ir sem medo,  
mesmo que sejam vãos os passos.  
É pensar e logo  
transformar o fumo  
do pensamento em braços.  
É não ter pão nem vinho,  
só ver portas fechadas e pessoas hostis  
e arrancar teimosamente do caminho  
sonhos de sol  
com fúrias de raiz.  
É estar atado, amordaçado, em sangue, exausto  
e, mesmo assim,  
só de pensar gritar  
gritar e só de pensar ir  
ir e chegar ao fim.

**Armindo Rodrigues**

### **Dedicatória e agradecimentos**

Agradeço a Deus pelo dom da vida e pela possibilidade de estudar aquilo que desejo todos os dias. Agradeço aos meus pais, ao meu namorado e a todos os amigos pelo apoio e pelo carinho a mim destinado.

Agradeço à prezada Fundação Biblioteca Nacional pelo programa nacional de apoio à pesquisa, em que se incentivam novas descobertas no campo das artes e das ciências humanas em meio a uma sociedade técnico-científica e imediatista. E, por fim, agradeço às professoras doutoras Teresa Cerdeira, Mônica Figueiredo e Luci Ruas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde me foi possível dar os primeiros passos nos estudos sobre o autor português Jorge de Sena.

## Resumo

Esta pesquisa analisou as contribuições do autor português Jorge de Sena (1919-1978) no jornal *Portugal Democrático* (publicações de 1956 a 1975), encontrado no acervo da Biblioteca Nacional. Desse modo, este estudo coletou as publicações senianas neste periódico, para melhor compreender a situação sócio-política vivida no início da ditadura brasileira e no Salazarismo em Portugal (1933-1974). Com isso, a reflexão sobre as leituras deste autor sobre a época ampliou a compreensão sobre os momentos vividos pelos dois países no contexto ditatorial, além de ter se realizado o trabalho sobre um periódico, sem estudos monográficos conhecidos.<sup>1</sup> Tratou-se de uma pesquisa sobre a escrita e vivência de uma época determinante para a solidificação da estrutura republicana de ambos os países.

Palavras-chave: “Portugal Democrático”; Jorge de Sena; Ditadura luso-brasileira.

---

<sup>1</sup> Ao iniciar esta pesquisa, recorreu-se ao banco de teses da CAPES e CNPq, e não foi encontrado nenhum estudo monográfico. Contudo, ao pesquisar nas bibliotecas virtuais de diversas unidades, esta pesquisa descobriu a dissertação de mestrado de Douglas Mansur da Silva chamada *A oposição ao Estado Novo no exílio brasileiro (1956-1974)*, que este trabalho se utilizou para ampliar as leituras sobre a época.

## Sumário

1. Introdução;

2. Jorge de Sena: “essa viva ‘instituição’ cultural portuguesa”<sup>2</sup>;

3. Um estudo sobre a ditadura militar brasileira: 1959-1965<sup>3</sup>;

4. “Saber durar”<sup>4</sup>: o Salazarismo em Portugal;

5. “Portugal Democrático” e as relações luso-brasileiras;

5.1. Contribuições sócio-políticas de Jorge de Sena;

6. Conclusões;

7. Referências bibliográficas;

8. Anexos:

8.1. Imagens de Jorge de Sena e do Salazarismo em Portugal;

8.2. Imagens do regime ditatorial brasileiro;

8.3. Imagens de “Portugal Democrático”.

---

<sup>2</sup> Termo utilizado por Maria Otília P. Lage em seu trabalho sobre a correspondência de Jorge de Sena e sua esposa, Mécia de Sena, publicado pela Universidade do Minho – Portugal.

<sup>3</sup> O período escolhido refere-se ao momento anterior à ditadura, mas de fundamental compreensão, pois se trata do contexto onde se encontram as causas da imposição do regime, além de ter sido o período vivenciado por Jorge de Sena no Brasil.

<sup>4</sup> Termo utilizado por José Mattoso em *História de Portugal*. (1998) conf. referências bibliográficas.

## 1. Introdução

Este trabalho analisou a participação de Jorge de Sena (1919-1978), autor português contemporâneo, nas diversas edições do jornal *Portugal Democrático*, presente no acervo da Biblioteca Nacional através de volumes de Dezembro/1959 a Agosto/1974. Na pesquisa realizada, os números e as datas do periódico escolhidos para análise foram: nº 29/33/35/37/39/48/49/58/62/63/65 de 1959 a 1964, por terem sido considerados de maior conteúdo político, e não literário, uma vez que o autor publicou inúmeras outras vezes, mas se trataram de publicações de poemas, novelas, entre outros. Este “indesejado”<sup>5</sup> autor de seu tempo revela-nos, em sua escrita, o anseio por um espaço da liberdade, onde a humanidade se desnude de tudo aquilo que a oprime e a corrompe. Através de leituras críticas sobre o seu tempo e sobre aquilo que o rodeava, Jorge de Sena construiu diversos textos sobre a situação político-ideológica de Portugal e do Brasil entre 1959-1964, mesclando a linguagem objetiva própria do gênero de periódicos à sua sensibilidade artística. Exilado no Brasil em 1959, devido à ditadura salazarista, é deste mesmo país, antes acolhedor, que o autor parte para se exilar nos E.U.A (1965-1978), após a instauração do regime ditatorial no Brasil em 1964. Desse modo, sobrevivente de duas ditaduras, a lusitana e a brasileira, o autor consegue de uma perspectiva sócio-histórica contribuir para a compreensão do momento vivido. Do auge de sua produção – meados do século XX – até o seu falecimento em 1978, o autor vive exilado de sua pátria, e assim, consegue tecer leituras sensíveis sobre o contexto sócio-político vivido e analisado, criticamente, ponto a ponto, em *Portugal Democrático*. O

---

<sup>5</sup> SENA, Jorge de. *O indesejado*. Lisboa: edições 70, 1986.

objetivo de sua escrita é a de desconstrução das estruturas de opressão ao livre-arbítrio dos homens. O objetivo deste projeto é analisar de que forma o traçado seniano se efetivou no periódico, encontrado no Rio de Janeiro apenas no acervo da Fundação da Biblioteca Nacional (1959-1974), mas tendo sua publicação iniciada já em 1956 e finalizada em 1975, pois não haveria mais razão de existir após a conquista na Revolução dos Cravos de 1974. Ao longo da pesquisa, foi descoberto que o periódico em estudo encontra-se também disponível na Faculdade de Letras, no centro de estudos portugueses (Cátedra Jorge de Sena) da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Contudo, o material encontra-se em má conservação e com edições em falta, o que impossibilitou alguns estudos neste local.

O presente trabalho se deteve em analisar de que modo o pensamento deste autor português se encontra neste jornal e perceber se um discurso objetivo e ideologicamente comprometido com a liberdade é um meio de ecoar sua revolta contra a opressão de uma vida vivida em exílios. A pesquisa justificou-se por lançar um primeiro olhar sobre os objetos citados em estudo, visto que não foram localizados estudos monográficos na Biblioteca Nacional sobre o jornal *Portugal Democrático*, sendo conhecidos apenas os trabalhos acadêmicos e dispersos sobre o trabalho literário de Jorge de Sena<sup>6</sup>, professor da Universidade Estadual de São Paulo (antiga Faculdade de Assis) e da Universidade de Araraquara durante o período de exílio no Brasil (1959-1965), quando então se mudou para os E.U.A devido ao medo da opressão na recém-instaurada ditadura

---

<sup>6</sup> Ver mais em teses de doutoramento realizadas de 1970 a 2009 na Universidade Federal do Rio de Janeiro. O estudo localizado sobre o assunto foi da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Gilda Santos no artigo “O jornal Portugal Democrático: Demandas do literário”.



brasileira (1964). Todo o seu trabalho, seja em literatura, sejam em suas publicações no jornal, consiste na tentativa de superação do medo, da opressão e dos pensamentos ditatoriais e impositivos frequentes no século XX, no Brasil, em Portugal e em todo o mundo. Assim, analisar a escrita seniana é, simultaneamente, compreender a situação de duas nações imersas em momentos difíceis de sua História, e, principalmente, ao compararmos a situação vivida por ambas, proporciona-se o crescimento da compreensão da época vivida por nossa pátria, atenuando semelhanças e diferenças e, enfim, construindo-se novos conhecimentos.

O jornal *Portugal Democrático* foi um importante ícone de manifestação dos emigrados portugueses, que anti-fascistas, desejavam mesmo distantes combater a ditadura salazarista em Portugal (1933-1974). Desempenhando papéis importantes na construção e amadurecimento do conhecimento, esses emigrantes teceram leituras sensíveis sobre a época em que estavam inseridos, sendo a maioria pertencente ao Partido Comunista Português. Jorge de Sena foi algum dos nomes de relevância dos jornais, tendo brasileiros participantes como Raquel de Queirós, Murilo Mendes, e outros. Até a instauração do regime militar no Brasil, os governos até 1964 aceitavam os protestos provenientes das comunidades portuguesas contra o fascismo salazarista, no entanto, após a queda de João Goulart da presidência, o governo do ditador Camilo Castelo Branco vê com repugnância a manutenção dos trabalhos do jornal, e assim, obrigados pelo regime, o jornal diminuiu suas publicações, mas não interrompendo definitivamente as tiragens, tendo seu encerramento apenas em 1974. O jornal consegue se manter durante a ditadura brasileira, graças à amizade entre o diretor do periódico e a alta cúpula militar, que permitiu que o jornal continuasse seu trabalho desde que não

tivesse relações diretas ou indiretas com a esquerda brasileira. Durante a instauração do regime militar brasileiro, Jorge de Sena exila-se novamente com receio de sofrer as punições provenientes do regime àqueles que tinham consciência crítica do que viviam, e assim, exila-se nos E.U.A até o seu falecimento em 1978. Com o caráter extremamente intervencionista, Jorge de Sena mesmo ausente da pátria contribuiu efetivamente com suas leituras sobre a época, dando a elas, principalmente, o caráter político-cultural.

O objetivo que se traça é por meio do periódico, chegar-se a vivências das ditaduras vivenciadas em ambos os países, a partir do testemunho de Jorge de Sena enquanto ser individual e coletivo, e assim, constituir um estudo capaz de fornecer novas vias para o percurso dos estudos sobre os contextos ditatoriais.

A metodologia utilizada foi a histórico-comparativa e o trabalho de pesquisa se desenvolveu através da coleta de dados, informações e fragmentos do jornal “Portugal Democrático” encontrado de Agosto/1959 a Dezembro/1974, publicado de 1956-1975, mas coletado de 1959 a 1963, período em que Jorge de Sena contribuiu efetivamente. Através do pensamento de um intelectual da época – Jorge de Sena – constroem-se do indivíduo para o coletivo, contribuições efetivas sobre o período em estudo.

O estudo desenvolveu-se a partir dos seguintes itens: estudo histórico-comparativo sobre a ditadura salazarista (1939-1974) e sobre a ditadura brasileira no período de 1964-1965, além de analisar o que acarretou a instauração do regime militar neste período vivido por Jorge de Sena no Brasil, análise das edições encontradas do periódico na Biblioteca Nacional “Portugal Democrático” (1959-1974) com a

participação política de Jorge de Sena, comparação entre os dados teóricos coletados e os textos encontrados escritos por Jorge de Sena no jornal, verificação dos textos coletados acerca de sua linguagem objetiva capaz de delinear o contexto<sup>7</sup> e produção da monografia final com a demonstração e a análise das conclusões obtidas.

## **2) Jorge de Sena: “essa viva ‘instituição’ cultural portuguesa”<sup>8</sup>**

Escritor, ensaísta, dramaturgo, poeta e crítico de seu tempo são referências feitas a Jorge Cândido de Sena (1919-1978), nascido no início do século XX e cidadão de um mundo que assistiu a duas guerras mundiais e de uma pátria que sobreviveu a quarenta e um anos de ditadura salazarista (1933-1974), acrescidos dos vinte e três anos de uma República instável e mal-estruturada após a queda da monarquia em 1910. Natural de Lisboa, o engenheiro naval embrenha-se pelo mundo das letras e das artes a partir da década de 1930 e percorre este caminho até a data de seu falecimento, em seu exílio norte-americano em 1978. Ao longo deste percurso, entra, aos 17 anos, para a Escola naval a fim de seguir carreira militar na marinha lusitana. Contudo, em sua viagem de instrução, o jovem poeta fica indignado com a disciplina militar, agravada com a Guerra civil espanhola em 1936, e sua indisciplina será um dos fatores que o levará à exclusão do quadro militar. Assim, Jorge de Sena é excluído da Armada em 1938 e ele considera como sendo o primeiro ano de sua criação poética. Para Sena,

---

<sup>7</sup> O autor Jorge de Sena, por construir também textos literários, em alguns fragmentos apresenta marcas literárias distantes da objetividade jornalísticas, mas que permanecem importantes para o estudo.

<sup>8</sup> Termo utilizado por Maria Otilia P. Lage em seu trabalho sobre a correspondência de Jorge de Sena e sua esposa, Mécia de Sena, publicado pela Universidade do Minho – Portugal.

Da literatura às artes plásticas, do teatro e do cinema à música, da história e das ciências à filosofia, para ele “a cultura é livre discussão e esclarecimento e conquista pessoal da liberdade de reflexão e expressão.”

(LOURENÇO: 1987. P.13)

Como formação filosófica, será o marxismo e a dialética hegeliana que permearão a obra literária e o pensamento político seniano, que terá como um dos objetivos principais a busca pela transfiguração do real, ou então, a busca por transformar o real em mais real ainda, expondo sua essência e atraindo à atenção do leitor para uma realidade que se constrói sob a ótica da violência e da perversão dos homens. Para isso, Sena é um homem que busca conhecer-se e conhecer o mundo para transformar-se e transformá-lo.

Quando já não era mais possível escrever e inscrever-se em Portugal, Jorge de Sena exila-se voluntariamente em 1959 para o Brasil, onde se torna catedrático de Teoria da Literatura na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis (atual UNESP), assim como em 1961 transferiu-se para a Universidade de Araraquara, em São Paulo, onde se tornará o primeiro professor da cadeira de Teoria Literária. O exílio ocorre através de um convite para participar do IV Colóquio Internacional de Estudos luso-brasileiros na Universidade Federal da Bahia, e foi a forma encontrada por Jorge de Sena de garantir maior segurança para sua esposa e seus então sete filhos, pois como diz o testemunho de Mécia de Sena – sua esposa:

As vantagens da transferência para o Brasil, nem precisavam de discussão: o envolvimento político do Jorge já chegara a um ponto em que a toda a hora e momento podia ser preso. (...)

(In: *Metamorfoses*, 2008, p. 123)

Buscando um espaço de liberdade para si e para sua família, a produção literária de Jorge de Sena neste período no Brasil é intensa, publicando seu principal livro de poesias: *Metamorfoses* (1963). E é por meio de Camões (poeta português) que Sena alcança por mãos brasileiras seu título de Doutor em Letras e de livre docência de Literatura Portuguesa, com a tese defendida em 1964, possuindo já nesta época sua cidadania brasileira. Quando o espaço brasileiro é tomado pela mão militar, Jorge de Sena novamente exila-se, desta vez para os E.U.A em 1965, como professor das universidades de Wisconsin e da Califórnia, onde chefia o departamento de Língua Portuguesa. Contudo, a maior parte de sua obra de ficção é redigida durante o período de exílio no Brasil, além de deixar como resposta política ao golpe militar duas peças de 1964, de profundo caráter reacionário e de ter aumentado seu empenho na redação do periódico *Portugal Democrático* às vésperas da intervenção militar. Sua participação no Brasil não se detém apenas ao jornal português ou às suas peças teatrais, mas também ao *Suplemento Literário do Estado de São Paulo* com publicação de poesia, ficção, e outros.

Sua inquietude social, política e literária é apreendida pelas palavras de Eugénio Lisboa em *Jorge de Sena* (1984):

Tudo lhe há-de ser imputado, o legitimamente bom, o indiscutivelmente mau e o assim-assim: a grandeza, a generosidade, a inteligência, a cultura, a erudição, a capacidade de trabalho, a abundância criadora, a ambição, a formação científica, uma certa forma de infantilidade competitiva, o vinagre, a arrogância, a genuína humildade, a megalomania, a capacidade infinitamente amável de se dar aos outros, o amor-ódio (igual intensidade em ambas as componentes) a tudo quanto era português (...) valerá a pena alargar a lista?

(p. 8)

E ainda,

A irrequietude de seu temperamento, com uma componente quiçá neurótica, é inequivocamente vinculada por estes textos: “Eu nunca estou bem em parte nenhuma...”. Todo o seu comportamento futuro irá confirmá-lo, de universidade para universidade, do Brasil para a América e nesta, de um estado para o outro, sonhando, por fim, em Santa Bárbara, com um posto terminal na velha Europa, mas fora de Portugal...

(p. 15)

E, são “(...) nos anos 40, marcados pela derrota da República Espanhola, pela Segunda Guerra Mundial, e pela talvez não paradoxal consolidação da normalidade da repressão e do medo em Portugal (...)”<sup>9</sup> que Jorge de Sena se estabelece como escritor de um tempo de “medo” e de “repressão”, mas com uma escrita isenta de amarras. Suas principais obras foram: *Metamorfoses* (1963), *Arte de música* (1968), *Peregrinatio ad loca Infecta* (1969), *Os sonetos de Camões e o Soneto Quinhentista peninsular* (1969), *Os Grão-Capitães* (1976), *O Físico Prodigioso* (1977), *Antigas e Novas Andanças do*

---

<sup>9</sup> Trecho localizado em sites sobre o estudo do Salazarismo em Portugal, mas que não possui a autoria.

*Demónio* (1978) e *Fernando Pessoa & Cia. Heterónima* (1982). Seus contos, sua narrativa romanesca – *Sinais de Fogo* (1979) – e sua poesia são repletas da amargura existencial de um homem à frente de seu tempo e sem o reconhecimento devido, principalmente pela pátria lusitana, que só veio a reconhecê-lo *post-mortem* com a Grã-Cruz de Sant’iago, entre outros títulos. Sua obra é publicada e editada, em grande parte, pelas Edições 70 através do espólio deixado a Mécia de Sena, sua esposa, que é a responsável por todas as publicações sobre Jorge de Sena atualmente. Considerado como cidadão do mundo<sup>10</sup>, o autor empenhou-se em diversas traduções, como T.S. Eliot, Cavafy, Auden, Hemingway, entre outros. Não obstante, também publicou diversos ensaios críticos sobre Fernando Pessoa e sobre Camões.

A obra seniana é dividida em quatro vertentes temáticas: testemunho, amor, pátria e metamorfose. Em todas elas, a construção do texto se faz por meio de violência na linguagem e pela linguagem. Sua obsessão pela pátria portuguesa justifica-se pelo fato de que não a teve, e almeja obtê-la por meio de seus versos e narrativas, e assim, a condição de emigrado e exilado percorre dolorosamente a obra de Jorge de Sena. A idéia de testemunho não se encontra apenas na noção de transcrever a realidade vivida, mas sim testemunhá-la de modo a mostrar que há experiências que unem a todos os homens, como a humilhação, o ódio, a dor, o exílio, entre outras. Em sua obra, o homem reconhece-se como humano, e assim, repleto de imperfeições. Sua obra é considerada como uma “das maiores consciências críticas de sempre em luta pela

---

<sup>10</sup> Termo utilizado pelo estudioso Jorge Fazenda Lourenço, que teve sua tese de doutoramento sobre Jorge de Sena reconhecida mundialmente nos E.U.A em 1993 por ser uma das obras críticas mais completas sobre o autor.

dignidade e liberdade humanas” (Lourenço: 1987, p. 42). Para Jorge de Sena, escrever era uma forma de testemunhar e transformar o mundo. Sua relação com a pátria lusitana é de mútua influência, pois o poeta agrega o seu país à sua obra, sem que se confundam saudosismos tradicionais com suas sátiras e desmistificações. A profunda complexidade, principalmente, ontológica, fez com que sua obra permanecesse sem a “atenção” da crítica por um longo tempo, e

Jorge de Sena lamentou por diversas vezes a desatenção, quando não o silêncio, da crítica relativamente à sua obra, facto que, somado à distância a que o exílio o colocou, contribuiu para o tornar o primeiro exegeta de si mesmo.

(NEVES: 2008, p. 17)

Em Lourenço (1987), a obra seniana é considerada como uma “procurada atenção contra os mitos estabelecidos”: a pátria está falida e está imersa a uma ditadura de quase cinquenta anos, que deixaram o país repleto de dívidas e de atrasos sócio-econômicos. Antes de seu falecimento nos E.U.A em 1978, Jorge de Sena regressa no conturbado ano de 1968 à Europa, visitando Portugal, após nove anos de exílio. Não se trata da mesma pátria: encontrou-a mais corrompida e mais deteriorada, mas com a mesma gente, digna de sempre. Em carta a Taborda de Vasconcelos, em 12 de Junho de 1975, Sena faz referência ao desejo do regime salazarista de tirar sua casa em terras portuguesas:

Quando eu estava no Brasil, onde a minha actividade política contra o regime foi ostensiva (tanto quando o tinha sido encoberta em anos de Lisboa), o regime de Salazar quis tirar-ma.



Em sua vida sócio-política, Jorge de Sena era considerado como uma verdadeira “instituição” cultural, já que promovia encontros de intelectuais de diversas áreas, bem como acompanhava intelectuais brasileiros em Portugal, como o caso do escritor Érico Veríssimo na década de 1950. Seu relacionamento era ativo com intelectuais como Dante Moreira Leite e Antônio Cândido, ambos brasileiros e cuja vivência é registrada em diversas coletâneas de correspondências. Considerado pelo crítico brasileiro Antônio Cândido como uma “notável personalidade”, Jorge de Sena tinha como sua pátria a sua família, e principalmente, o amor intenso devotado à Mécia de Sena. Contudo, o local onde estivesse era modificado por essa personalidade que se destacava dos demais, por ter sempre encerrado em si mesmo o objetivo final de conhecer para transformar, e sua busca pelo conhecimento não encontrava limites geográficos nem intelectuais.

### **3. Um estudo sobre a ditadura militar brasileira: 1959-1965**

A ditadura brasileira, instaurada em Março/1964, caracteriza-se pela presença dos militares à frente das decisões sociais, políticas e econômicas do país, utilizando-se para isso de métodos e ações nem sempre compartilhada e agradável a todos. A vida política brasileira modifica-se amplamente.

Desde o início do governo de João Goulart, as classes contrárias ao esquerdismo já se organizavam contra a posse do vice-presidente Jânio Quadros. A ameaça militar era proveniente desde o suicídio de Getúlio Vargas que, com a comoção popular, impediu a instauração do golpe naquele momento da História. Jânio Quadros renuncia ao poder em 1959 e João Goulart, seu vice-presidente e ex-ministro do trabalho do governo de Getúlio Vargas, em viagem à China comunista, é impedido de retornar e assumir o poder. Para adequação e conformidade das classes sociais no Brasil, a solução encontrada foi a adoção do parlamentarismo, tendo à frente três ministros: Tancredo

Neves, Brochado da Rocha e Hermes Lima. Em 1963 é realizado plebiscito e o presidencialismo retorna como forma de governo da República Federativa do Brasil.

Segundo Fausto (2009: p. 443-445), no plano social, os movimentos sociais avançam no Brasil e setores esquecidos como o campo começam a se mobilizar. E assim,

O movimento rural mais importante do período foi o das Ligas Camponesas, tendo como líder ostensivo uma figura da classe média urbana – o advogado e político pernambucano Francisco Julião. Julião promoveu as Ligas à margem dos sindicatos e tratou de organizar os camponeses (...) As ligas começaram a surgir em fins de 1955, propondo-se entre outros pontos defender os camponeses contra a expulsão da terra, a elevação dos preços dos arrendamentos (...) Em novembro de 1961, realizou-se em Belo Horizonte o I Congresso Nacional dos Trabalhadores Agrícolas, que expressou as várias linhas propostas para a organização da massa rural. A reunião foi planejada conjuntamente por Julião e outros membros das Ligas e pelos dirigentes comunistas, cuja base maior se encontrava entre os assalariados agrícolas de São Paulo e do Paraná.

De 1963 a 1964, os setores de direita e de esquerda no Brasil radicalizam-se. A classe média e os empresários encontram-se assustados diante do “perigo comunista” do presidente João Goulart e do surgimento de novos atores sociais, como as Ligas Camponesas, a Juventude Universitária Católica (JUC) e o movimento operário (formação do CGT em 1962). As reformas de base e o plano trienal, organizados pelo ministro Celso Furtado, impelem que as classes dominantes se organizem para uma reação. Uma questão que se levanta é de que João Goulart não era um perigo comunista, ainda que seu governo apresentasse traços ideológicos presentes no comunismo como a reforma agrária, nacionalização das refinarias de petróleo, entre outros. João Goulart era morador da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, onde desfrutava dos melhores apartamentos e automóveis da época, o que contradiz a doutrina comunista. Desse

modo, a Revolução militar de 1964 é resultado de um medo nem sempre coerente, além de ser consequência da falta de organização para a resistência ao golpe por parte da esquerda brasileira. Se há algum temor coerente nesta época por parte das classes dominantes, este se refere à organização da classe trabalhadora, como por exemplo, as ligas camponesas tendo à frente Francisco Julião.

A Revolução militar não surgiu apenas por causa desse momento instável da política brasileira. Ela é proveniente da doutrina de segurança nacional gerada na Escola Superior de Guerra (ESG), fundada em agosto de 1949, com a ajuda francesa e norte-americana para o combate ao comunismo na Guerra fria instaurada após o fim da 2ª Guerra Mundial. O papel da ESG era treinar “pessoal de alto nível no sentido de exercer funções de direção e planejamento de segurança nacional “(Fausto: 2009, p.452). Desse modo, podemos dizer que

(...) a partir da ESG e de órgãos como o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES) e do já mencionado IBAD (Instituto Brasileiro de Ação Democrática) foram surgindo as linhas definidoras de um regime político considerado capaz de impedir a subversão da ordem e garantir um certo tipo de desenvolvimento econômico.

(Fausto: 2009, p. 453)

Bandeiras vermelhas e faixas de reforma agrária são estendidas por 150 mil pessoas no “Comício da Central”, realizado na Praça da República no Rio de Janeiro e assistidos por militares que já gestavam a idéia do golpe. O limite da crise encontra-se após a reunião ocorrida na sede do Automóvel Clube no dia 30 de Março de 1964, que se instaura em definitivo uma crise na disciplina militar, em que a alta cúpula vê seus pilares de organização, disciplina e hierarquia ameaçados pela reunião de sargentos e

marinheiros apoiados diretamente pelo próprio presidente da República. Em 31 de Março o levante militar é iniciado e no dia 01 de Abril de 1964 alcança a vitória, como nos diz Gorender (1987: p. 65):

Em Minas, os generais Olympio Mourão Filho e Carlos Luís Guedes avaliaram o momento oportuno para desencadear o levante contra o Presidente da República. De madrugada, puseram suas tropas em movimento, antecipando-se ao comando do general Castelo Branco, que previa o dia 2 de Abril para início da operação golpista. A precipitação ousada dos generais Mourão e Guedes se revelou acertada.

O presidente e seu cunhado – Leonel Brizola – fogem para o Uruguai e a esquerda brasileira desestabiliza-se, assim como o curto período democrático brasileiro (1946-1964). Gorender aponta que a causa do sucesso do golpe militar está na “inação generalizada” dos grupos de esquerda, pois “todos ficaram à espera do comando do Presidente da República”, que não reage, mas foge. Após um curto período de ajustes, assume o governo o Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, ex-diretor da AMAN (Academia militar das agulhas negras). Inicia-se o período de alterações institucionais em que o regime é imposto de forma “lenta, gradual e segura”, do mesmo modo que posteriormente se dará a abertura política. Trata-se de um traço característico do governo militar esta busca por uma segurança de seu regime. Posteriormente, a abertura política será reivindicada, contudo ela só será dada aos militantes políticos do modo como convém aos militares. Inicialmente, a intenção era apenas afastar a ameaça comunista que prejudicava supostamente à nação e devolver o poder ao modelo democrático, convocando assim eleições. No entanto, como toda classe social no Brasil desta época, a classe militar também encontrava-se dividida entre a chamada “linha dura” e os militares que desejavam regressar à democracia. O país atravessará por cinco

atos institucionais: AI-1, AI-2, AI-3, AI-4 e em Dezembro de 1968 o rigoroso AI-5. Com exceção deste último, todos os demais atos institucionais têm por objetivo assegurar legalmente o regime imposto. O AI-5 tratou-se de uma vitória da “linha dura” militar após as manifestações públicas constantes, os clandestinos congressos da UNE e a eclosão para o endurecimento do regime foi o discurso do deputado Márcio Moreira Alves, que precipitou a crise que já havia se iniciado. O AI-5 fornece poderes ilimitados ao presidente, o congresso é posto em recesso por tempo indeterminado e todas as garantias constitucionais foram suspensas. Assim, o regime estava legitimado para torturar, prender e não prestar esclarecimentos à sociedade sobre suas práticas.

O governo de Castelo Branco (1964-1967) será caracterizado pela instituição do AI-1 e do AI-2, com a manutenção da Constituição de 1946 e extinção dos partidos políticos/instituição do bipartidarismo (ARENA e MDB), respectivamente. No plano econômico, acentua-se conforme objetivo das classes dominantes a internacionalização da economia, a criação do FGTS (Fundo de Garantia por tempo de serviço), a criação do Serviço Nacional de Informações (SNI), entre outras ações. Em 1967, é promulgada a nova constituição determinado maiores poderes ao poder executivo, eleições indiretas em todos os níveis de governo e restrições ao direito de greve.

A crise que culminou nos fatos citados refere-se a uma profunda tensão de forças (nacionalismo x “entreguistas”), além da crise do modelo populista iniciado por Getúlio Vargas e que não conseguia agradar, simultaneamente, ao povo e às instituições “burguesas”. De acordo com Martins (1999: p.45), “o estado passou portanto a ser palco e mediador desse conflito”. Conflito este que demonstra o quão frágil era a democracia

brasileira da época que não suportou nem conseguiu equacionar as forças sociais do momento. O grupo composto por classe média e militares entendia a política populista como uma ameaça ao equilíbrio social, além de considerarem as reformas nacionalistas como uma ameaça ao seu *status quo*. A divisão do poder com classes trabalhadoras era algo que as elites dominantes não cogitavam. O regime militar representou o fracasso gradual da possibilidade de ascensão das classes trabalhadoras, bem como a exclusão de grande parte da população. Se o princípio militar é a manutenção da ordem, o rompimento com a ordem constitucional em 1964 é a prova de que todas as classes sociais podem ter seus objetivos principais desviados em algum momento da História. Tratou-se de um regime que impôs sua própria Constituição a todo o país, e assim, estaria legitimado e resguardado a partir da Constituição de 1967 e dos atos institucionais. Segundo Gorender (1987: p. 226), a ditadura brasileira

(...) arrancou os véus que disfarçavam a violência do Estado burguês no Brasil. O poder militarizado fez questão de torná-la demonstrada. O combate sem trégua e sem regra às organizações de esquerda foi um dos aspectos – não o único – dessa violência ampliada e exibicionista.

O golpe direitista de 1964 representou o retardamento do crescimento intelectual pelo qual o país estava atravessando. Os debates, as reflexões e a alta qualidade das universidades precisaram regredir à força pela mão armada. A classe média, satisfeita com a harmonia encenada, apóia um regime que se demonstrava seguro e eficaz, afinal não se achava nas páginas dos jornais qualquer notícia sobre violência, tortura ou assuntos afins. A violência, nesta época, sempre existiu, como se dá atualmente nos grandes centros urbanos. Contudo, na ditadura militar, ela se limitava às comunidades carentes, que nas palavras de moradores, se tratava de uma violência que não alcançava o “asfalto”, mas se restringia a becos, vielas e passagens dentro das comunidades. O

periódico *Portugal Democrático* foi proibido de demonstrar qualquer sensibilidade ou solidariedade dos emigrantes portugueses aos compatriotas brasileiros, ainda que muitos desses emigrantes, como Miguel Urbano, permanecessem no Partido Comunista Brasileiro, atuando na ilegalidade. Leitor crítico de seu tempo, Jorge de Sena, exilado no Brasil de 1959 a 1965, assiste à instauração e consolidação do regime militar e afirma que não suportaria o peso de duas ditaduras, e então, resolve se exilar nos E.U.A com sua família em 1965.

#### **4. “Saber durar”<sup>11</sup>: o Salazarismo em Portugal**

Os fatores que acarretaram em uma das mais longas ditaduras do século XX já se encontram prenunciados no texto crítico de Antero de Quental chamado “Causas da decadência dos povos peninsulares”. Trata-se de uma carta, que se pretende confissão, de mostrar a Portugal seus inúmeros erros como a única via possível para que o país dos

---

<sup>11</sup> Termo utilizado por José Mattoso em *História de Portugal*. (1998) conf. referências bibliográficas.



descobrimientos voltasse a ser reconhecido na Europa e no mundo. Toda a História de Portugal é descrita, como se vê:

(...) tornando-nos iniciadores: os estudos geográficos e as grandes navegações. As descobertas, que coroaram tão brilhantemente o fim do século XV, não se fizeram ao acaso. Precedeu-as um trabalho intelectual, tão científico quando a época o permitia, inaugurado pelo nosso infante D. Henrique, nessa famosa escola de Sagres (...)

E é este mesmo Portugal glorioso do século XV, que inicia sua decadência no século XVII quando se deixa comandar nos âmbitos político/cultural/econômico pela Inglaterra e pela França. A aristocracia carrega até o fim seus privilégios e atrasa o crescimento da burguesia e das indústrias. No século XIX, enquanto a Inglaterra fazia sua 2ª Revolução Industrial, Portugal não tinha nem sequer previsão para realizar a sua 1ª, preocupava-se apenas com o luxo das cortes. Antero de Quental afirma: “Tais temos sido nos últimos três séculos: sem vida, sem liberdade, sem riqueza, sem ciência, sem invenção, sem costumes.” A religião católica, o absolutismo e o colonialismo são as três principais causas da decadência portuguesa que culminou na entrada no século XX de um país atrasado social e economicamente, dependente de empréstimos ingleses e da Sociedade das Nações. Todas as características apresentadas revelam o grau da crise enfrentada pelos portugueses entre 1920-1930 e qual foi o contexto que favoreceu a instauração do Salazarismo por tantas décadas.

A República em Portugal foi instaurada em 1910, após o assassinato de diversos políticos e o constante conflito entre as classes dominantes. Em 1920, o país sofre um golpe militar, e com ele toda a censura e toda perseguição política é realizada. Contudo, o regime que derrubou a recém-democracia endividava-se cada vez mais junto à

Inglaterra, principalmente, com o fim da 1ª Guerra Mundial, em que Portugal não recebe auxílio nenhum para reconstrução de sua economia. E, para a resolução da crescente dívida externa, foi chamado o professor de finanças da Universidade de Coimbra – António de Oliveira Salazar – que estabilizou as finanças do país em pouco tempo e gerou esperança e confiança num povo de pobres e semianalfabetos, cuja maioria ainda era composta de camponeses. Em 1932, diante do prestígio político alcançado é nomeado presidente do Conselho de Ministros, e assim, substituiu gradualmente os militares do poder por civis da Universidade de Coimbra, e quando o país se dá conta, o Salazarismo e a estrutura necessária para o seu bom funcionamento estava já instaurado e consolidado. Em 1933, após plebiscito, o projeto constitucional é aprovado por unanimidade no país despolitizado com o passar do tempo. Nesta nova carta constitucional, instituía-se uma espécie de “poder moderador”, em que o chefe do Estado deixava de pertencer ao executivo e se situava acima dos poderes judiciário, legislativo e executivo. Segundo Mansur (2006: p.39-40),

Ao longo dos seus 48 anos, o regime passou de uma ditadura conservadora, nos seus primeiros anos, para a formação de um “Estado Novo” de caráter fascista, autodenominação estabelecida a partir de 1933, quando se define tanto a estrutura político-institucional quanto a Constituição. (...) Seu chefe não era uma figura carismática, no sentido de se apresentar e se representar como grande líder de massas. Era uma figura contida, reservada e que preferia actuar nos bastidores. (...) Salazar preferia apregoar a ideologia do ruralismo, da cartilha “Deus, pátria e família”, “em defesa dos valores tradicionais, da fé católica e da hierarquia social estabelecida (...)

O regime sustentava-se na propaganda de si mesmo e a política adotada é de natureza isolacionista e ruralista. A industrialização era vista como algo perturbador da ordem, pois gerava a criação de classes, e assim, fez com que a maior parte da

população permanecesse ligada à agricultura. Ainda que sob o regime de um único indivíduo e ruralista, o que manteve o Salazarismo por tantas décadas foi a sensação sentida pelos portugueses de crescimento econômico, crescimento este que era falso, já que era fundamentado na remessa de dinheiro dos emigrantes portugueses e dos gastos de turistas estrangeiros em Portugal. O crescimento anual não se baseava no que o país produzia, mas no que era exterior à nação. A base da ideologia salazarista era Deus, Pátria, família e autoridade. A censura atuava nos silêncios das cidades, e assuntos como a guerra colonial em África eram censurados para que o regime se sustentasse na idéia de ser o grande império de sempre.

Segundo Brito (2009), salazarismo e fascismo são condutas ideológicas que se assemelham em determinados traços e afirma que

(...) o plano de governo salazarista assemelhava-se, em muitos aspectos, ao regime fascista italiano, com a proibição imediata de greves e a instauração de uma atuante polícia secreta. A Guarda Republicana Nacional e a Polícia de Segurança Pública garantiam a censura (...) Cabe salientar que Salazar manteve o país totalmente sob o seu controle por mais de quarenta anos. As consequências de tal domínio foram o atraso nacional, a estagnação da indústria e o isolamento das influências estrangeiras.

(p. 18)

As crises que o Salazarismo causou em Portugal são imensuráveis. Provavelmente, o regime que terminou em 25 de Abril de 1974 (no governo de Marcelo Caetano) poderia ter perdurado por mais tempo se não fosse a guerra colonial em África e o custo de manutenção desta guerra, sejam os custos financeiros, sejam os custos psicológicos. Eram famílias sem seus irmãos, pais, primos, tios, entre outros parentescos perdidos nas terras africanas, lutando por uma hegemonia que já não cabia

mais existir. Assim, a sensação de estabilidade e harmonia que o Salazarismo das décadas iniciais provocava caía em falência, e o povo português passou a perceber gradualmente de que regime se tratava. Assim, os capitães começaram a se organizar em torno do Movimento das Forças Armadas (MFA), com o objetivo de demonstrar sua insatisfação e oposição à continuidade da luta armada nas colônias. Os militares pretendiam derrubar o regime vigente e instaurar uma nova forma de governo. Contudo, os ideais eram tantos, que não se podia à época perceber quais eram viáveis e quais não eram. A senha para o início do golpe que deu fim ao regime de quase cinquenta anos foi divulgada pela Rádio Renascença através da música *Grândola Vila Morena*, como se segue:

Grândola, vila morena  
 Terra da fraternidade  
 O povo é quem mais ordena  
 Dentro de ti, ó cidade  
 Dentro de ti, ó cidade  
 O povo é quem mais ordena  
 Terra da fraternidade  
 Grândola, vila morena  
 Em cada esquina um amigo  
 Em cada rosto igualdade  
 Grândola, vila morena  
 Terra da fraternidade  
 Terra da fraternidade  
 Grândola, vila morena  
 Em cada rosto igualdade  
 O povo é quem mais ordena  
 À sombra duma azinheira  
 Que já não sabia a idade  
 Jurei ter por companheira  
 Grândola a tua vontade  
 Grândola a tua vontade  
 Jurei ter por companheira  
 À sombra duma azinheira  
 Que já não sabia a idade

A música de Zeca Afonso era o sinal acertado entre os militares para que o movimento tivesse início. Esta música foi banida pela censura salazarista por ser associada a movimentos comunistas e por isso foi escolhida pelos militares como sinal de contradição ao regime. O Salazarismo foi uma ditadura distinta da que a Alemanha viu em Hitler ou que o Brasil viu no militarismo, porque não existiram resistências de grande apelo popular e a preocupação mundial estava voltada a outros países: 2ª Guerra Mundial, a Guerra civil espanhola, a Guerra do Vietnã, a Guerra Fria, entre outras. O silêncio destinado a Portugal pelas outras nações foi o ambiente suficiente para que António de Oliveira Salazar fixasse suas bases e mergulhasse o país em quarenta e oito anos de atraso político-econômico, e provocasse um dos maiores quantitativos emigratórios para países como o Brasil e demais países fronteiriços da Europa.

No que se refere aos âmbitos artístico-cultural, Salazar cria a P.I.D.E (Polícia Internacional e de Defesa do Estado) que perseguiu, torturou e assassinou diversos intelectuais contrários ao regime. À frente de todo o controle de informação, Salazar afirma: "Politicamente, só existe aquilo que o público sabe que existe.". Uma das causas da permanência longa do regime foi a forte censura e a falta de articulação da oposição por causa de suas diferentes ideologias. Diante disso, Jorge de Sena casado com Mécia de Sena e com nove filhos, opta por exilar-se do país e proteger sua família, construindo uma escrita amargurada e dolorosa sobre a violência sofrida durante o regime. Após a morte de Salazar em 1968 e a Revolução dos cravos em 25 de Abril de 1974, Jorge de Sena retorna apenas uma vez à pátria desde a data de seu exílio, pátria esta que está presente em toda a sua obra através de sua memória individual e coletiva.

## 5. “Portugal Democrático” e as relações luso-brasileiras

O Portugal Democrático é um indicativo da circulação dos exilados portugueses em sectores da cultura brasileira. (Mansur: 2006, p. 84)

Periódico publicado no Brasil por mãos portuguesas em colaboração com intelectuais brasileiros, *Portugal Democrático* representou uma das formas de resistência ao Salazarismo e contou com a participação de diversos intelectuais brasileiros e exilados portugueses. Constituiu-se como um núcleo central de oposição ao Salazarismo, mesmo após a queda do regime democrático no Brasil em 1964, pois foi o único jornal de esquerda a não ser censurado pelo regime militar. Nele, encontramos uma história complementar à história oficial: trata-se da história dos exilados, que com suas famílias, não desistiram de combater o regime ditatorial imposto em sua pátria, e assim, divulgavam o jornal pelo Brasil e pelo mundo. Apesar de real e de reflexivo, o “Portugal Democrático” também representou para seus militantes um espaço ainda possível de utopia por dias melhores. De acordo com Mansur (2006),

Obra colectiva, o jornal veio sempre a lume apenas com a colaboração voluntária de intelectuais, operários, técnicos, políticos, profissionais liberais e artistas, de diferentes matizes ideológicos (...)

(p. 25)

Além de representar um núcleo de resistência político-ideológica, o periódico propunha-se a auxiliar os membros portugueses que ainda permanecessem em Portugal. O salazarismo diferia-se dos outros regimes estadistas contemporâneos, por não pretender levar o povo português ao domínio racial e econômico, como o caso do

nazismo na Alemanha de Hitler até 1945. A ideologia salazarista optava pelo conceito do “bom homem português” e de sua manutenção no campo, seguindo a cartilha “Deus, Pátria e Família”, cartilha esta semelhante à adotada pelo regime ditatorial brasileiro. A defesa de um chefe forte e de uma postura religiosa ultraconservadora são as principais marcas do Estado Novo português. A grande influência do jornal é na mudança das mentalidades, o que culminou em um 25 de Abril liderado por militares de baixa patente, apoiados pela população pobre e marginalizada. Adolfo Casais Monteiro, na edição nº 33/1960, traz para o periódico a imagem da democracia brasileira como um espelho para que Portugal seguisse, sem saber o autor de que em breve as terras brasileiras também passaria por um regime autoritário:

Estou certo de que, mais uma vez, o Brasil saberá mostrar ao mundo que, neste país, democracia não é uma palavra vã. (...) é necessário levar perante os governos que são ou se declaram democráticos a voz dos povos da América, para eles compreenderem que o silêncio é cumplicidade.

Colaborador permanente do periódico citado, Jorge de Sena carrega em si e em seus escritos todas as experiências vividas neste conturbado século XX: século de exílio, de humilhação e de uma obra cujos estudos encontram-se ainda numa “saudável adolescência” (Macedo: 1999). Miguel Urbano Rodrigues, membro do Partido Comunista Português e um dos principais colaboradores do periódico, em entrevista ao Partido Comunista Português por motivo de comemoração aos 35 anos da queda do regime salazarista (25 de Abril de 1974), descreve sua relação com o periódico e a contribuição deste na construção de uma sociedade menos opressiva e com maior liberdade de expressão:

Os exilados desempenharam contudo um papel importante no combate ao fascismo, sobretudo na América Latina e no Canadá. (...) Um jornal, o «Portugal Democrático», contribuiu decisivamente para o êxito do trabalho desses antifascistas, funcionando como elo de ligação entre os núcleos da emigração democrática da América e da Europa. Dois períodos muito diferentes marcaram a vida desse jornal mensal, editado em São Paulo, no Brasil, com uma tiragem média de 4 000 exemplares. O primeiro vai desde a fundação em 1956 ao golpe de estado que instaurou a ditadura no Brasil, em Abril de 1964. (...) Os exilados portugueses contaram sempre com o apoio dos intelectuais progressistas brasileiros, nomeadamente na Universidade de São Paulo, do Partido Comunista, dos estudantes e do movimento sindical.

Desse modo é possível percebermos a relação construída entre intelectuais portugueses e brasileiros diante dos mecanismos opressivos do regime português, tendo sua ação diminuída apenas diante da instauração do regime militar no Brasil. E ainda,

Para essa solidariedade contribuiu o facto de destacadas personalidades da oposição democrática terem optado pelo Brasil como terra de exílio. Entre elas, dois ex candidatos à Presidência da República, o general Humberto Delgado e o Prof. Ruy Luis Gomes, e o capitão Henrique Galvão, que comandou o sequestro nas Caraíbas do paquete Santa Maria. Em universidades e em grandes diários marcaram presença académicos, políticos escritores e jornalistas prestigiados como José Morgado, Adolfo Casais Monteiro, Jorge de Sena, Sidónio Muralha, Fernando Lemos, Vitor Ramos, Barradas de Carvalho, Castro Soromenho, Maria Archer, Tito de Moraes, Manuel Sertório e Vitor Cunha Rego. (...) Até 1964 os grandes diários brasileiros, com poucas excepções, adoptavam uma posição crítica perante o fascismo português e abriam as suas colunas aos intelectuais exilados. Essa atitude alterou-se após a implantação da ditadura militar.

Percebe-se também ao longo das edições a constante tentativa de seus redatores em manter um jornal anti-ditatorial inserido numa constante repressão aos intelectuais brasileiros. Ainda sim,

Eventualmente, renomados escritores brasileiros, como Manuel Bandeira, Raquel de Queirós, Gustavo Corção, Álvaro Lins, Rubem Braga, Fernando Sabino, Murilo Mendes, assinaram artigos em suas páginas. A simples enumeração destes nomes, seguidores das mais variadas tendências político-ideológicas, bem atesta o quanto a



solidariedade dos intelectuais brasileiros para com seus oprimidos  
confrades portugueses suplanta diferenças.

(Santos: 2005)

O *Portugal Democrático* foi publicado e distribuído internacionalmente a partir da cidade de São Paulo: para a Europa através da França, para os E.U.A, entre outros países. Tratou-se de um periódico coordenado por intelectuais português com uma ótica distinta da grande parte da população portuguesa, havia ali uma clara oposição ao colonialismo português que, paradoxalmente, também era combatido pela ditadura brasileira que, paradoxalmente, em apoio ao Salazarismo, também era a favor dos movimentos de libertação em África. O periódico forneceu aos emigrantes portugueses a possibilidade de uma militância efetiva em exílio, com a colaboração voluntária de operários, técnicos, professores e artistas de diferentes ideologias, mas que naquele contexto encontravam-se unidos em prol da chamada missão portuguesa. A missão de erradicar o mal que assolava Portugal por mais de quarenta anos e que mantinha seu povo na miséria e no analfabetismo. *Portugal Democrático* contou com cerca de duzentos e cinco edições que compreendem o período de 1956-1974. A militância portuguesa através do periódico articulou-se a diversos setores da sociedade brasileira: editoras, associações, universidades, editoras (por exemplo, a Brasiliense, a Paz e Terra), entre outros. Campanhas, congressos, reuniões e conferências reuniam intelectuais brasileiros e exilados políticos que debatiam sobre a melhoria do regime, as propostas do periódico, a anistia a presos políticos, enfim, travavam entre si, brasileiros e portugueses, não só uma efetiva relação sócio-política, como também relações de amizade e cordialidade.

Cabe a Vítor de Almeida Ramos e Manuel Ferreira Moura, respectivamente, professor de Literatura e técnico-operário, a iniciativa de reunir o grupo de anti-salazaristas que deram início ao periódico em 1956. Uma das principais características da equipe que formou o jornal era a sua diversidade política. Grande parte dos emigrados portugueses associados ao Partido Comunista Português, ao chegarem ao Brasil, associaram-se também ao Partido Comunista Brasileiro. No entanto, havia também republicanos liberais como Jaime Cortesão ou o ex-candidato à presidência lusitana Humberto Delgado. Segue abaixo a longa lista de colaboradores portugueses, diretos e indiretos, que esta pesquisa pôde coletar:

1. Jorge de Sena;
2. Adolfo Casais Monteiro;
3. Vítor de Almeida Ramos;
4. Manuel Ferreira Moura;
5. Miguel Urbano Rodrigues;
6. Victor da Cunha Rego;
7. João Alves das Neves;
8. Carlos Maria de Araújo;
9. João Santana Mota;
10. Carlos Cruz;
11. João dos Santos Baleizão;
12. Manuel Myre Dores;
13. Álvaro Veiga de Oliveira;
14. Francisco Vidal;
15. Mário Henrique Leiria;
16. Castro Soromenho;

17. Maria Antónia Fiadeiro;
18. Sidónio Muralha;
19. Veiga Leitão;
20. Fernando Correia da Silva;
21. Mário Henrique Leiria;
22. Manuela Gouveia Antunes;
23. Eduardo Lourenço;
24. Fernando Lemos;
25. Augusto Aragão;
26. Joaquim Barradas de Carvalho;
27. Joaquim Quitério;
28. António Bidarra da Fonseca;
29. Abílio Rodrigues;
30. Manuel Rodrigues;
31. Francisco Lopes;
32. Lenine de Jesus Alexandre;
33. Manuel Bodas;
34. Manuel Rocheta;
35. António Baía;
36. Manuel Algodres;
37. Alexandre Pereira;
38. Silvério da Costa Lettra;
39. Joaquim José;
40. Hélder Costa;

Todos os nomes acima citados incluem membros editoriais, revisores e, principalmente, divulgadores no Brasil e no mundo, que se encarregavam da distribuição do jornal, inclusive em Portugal. A feitura do jornal era marcada por grande dificuldade, pois todos os membros trabalhavam, além de seus vínculos políticos a partidos brasileiros. Os membros do conselho determinavam a pauta e as metas a serem cumpridas na distribuição, e cada um, com sua função pré-determinada, cumpria seus objetivos sem necessariamente haver uma supervisão que acompanhasse. Segundo Mansur (2006), os três brasileiros que mais contribuíram com o periódico diretamente foram: Edson Rodrigues Chaves, Octávio Martins Moura e Sylvio Band. O impacto causado pela chegada desta militância portuguesa no Brasil foi imensa, pois imediatamente os portugueses associaram-se a partidos, ingressaram em jornais de grande circulação, como o caso de Miguel Urbano Rodrigues em *O Estado de São Paulo*, em universidades como o caso do intelectual em estudo – Jorge de Sena – entre outras associações. Portugueses que também não se exilaram no Brasil contribuíram com o periódico, como o historiador António José Saraiva. Indiretamente, a colaboração brasileira ao periódico foi dada pelo sociólogo Florestan Fernandes, o crítico literário Antônio Cândido, a escritora Lígia Fagundes Telles, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso e os historiadores Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior.

A situação sócio-política do emigrante português não era boa. Considerado, quase sempre, como o comerciante ávido por riqueza, com exceção dos intelectuais brasileiros, os demais portugueses não obtiveram boa recepção por parte dos brasileiros que viam no povo português a perda de empregos e de lucros. O desconhecimento dos brasileiros acerca da situação vivida em Portugal tornou a divulgação do periódico em

algo difícil. As críticas apresentadas ao Estado Novo português não eram bem recebidas, porque sequer o salazarismo era conhecido pelos brasileiros. O que se conhecia até então era que Salazar havia equilibrado as finanças do país e que as ruas eram bem cuidadas, correspondendo assim a um discurso de ordem bem aceito pelos brasileiros. Assim, o jornal iniciou suas publicações diferenciando o conceito de pátria de Salazar, e que Portugal não se resumia nem se revolia no chefe de estado.

O periódico contou também com o apoio do Comitê dos Intelectuais e Artistas Portugueses Pró-Liberdade de Expressão, chefiado por Miguel Urbano Rodrigues. Além disso, o jornal criou os “Serviços de Informação Internacional Portugal Democrático”, que tinha por objetivo

(...) de constituir um canal centralizador e difusor de informações sobre Portugal, sobretudo notícias e opiniões críticas ao governo, que dificilmente circulavam no interior do país pela acção da censura. O objectivo principal era contactar jornais e outros meios de comunicação, e através deles fazer a divulgação de notícias e dos artigos que chegassem à central. Visavam, ainda: a reunião de elementos de informações sólidos e bem documentados, que seriam usados para a elaboração de dossiês contra o regime.

(Mansur: 2006, p. 83)

Para os emigrantes portugueses, estar no Brasil representou a possibilidade de realizar, fora de seu país, a resistência que não se pôde fazer dentro dele. Tal “missão” impulsionava a esses intelectuais a fazerem o melhor da cultura portuguesa, seja na crítica, na literatura, no jornalismo, etc. O núcleo de intelectuais portugueses concentrou-se em São Paulo, mas houve também o núcleo de intelectuais em Recife com a presença de Rui Luís Gomes, José Morgado, Manuel Zaluar, Alfredo Pereira Gomes e António Brotas.

Com o golpe militar de 1964, o movimento dos anti-salazaristas sofreu alterações. A maioria dos exilados passou a possuir fichas no SNI (Serviço Nacional de Informações) e suas polícias regionais (DOPS, DOI-CODI). Já em Portugal, iniciava-se finalmente o oposto: a queda do regime. Após o golpe militar, os militantes portugueses não puderam mais contar com a ajuda e colaboração da sociedade brasileira, pois a estratégia do silêncio e da censura já começavam a ser impostas. Os intelectuais brasileiros foram “solicitados” para se afastarem da luta portuguesa, como o caso de Ildefonso Garcia e a recíproca foi a mesma, como Miguel Urbano Rodrigues que lutava na causa brasileira pela liberdade e precisou deixar sua resistência em prol da continuidade do jornal *Portugal Democrático*. Após o golpe, os membros do periódico não sabiam se a continuidade do jornal estava ameaçada e, então, resolveram lançar uma edição ousada, repleta de termos marxistas, uma primeira edição para analisar até que ponto a censura brasileira incidia. Não houve vetos. O jornal continuava em ação. Os militantes Manuel Sertório e Jorge de Sena deixam o país imediatamente, este último em 1965, com sua esposa e seus nove filhos. Supõe-se que o jornal manteve-se em plena ditadura militar, por ter como um de seus diretores o brasileiro Otávio Martins de Moura, bem relacionado com os altos escalões militares e favoráveis ao anticolonialismo. A condição para a manutenção do periódico era que não se aproximasse da esquerda brasileira.

Desse modo, o jornal caracteriza-se como distante e centrado nas questões coloniais entre 1964-1974, período de publicação do periódico na ditadura brasileira. Em 1974, com o fim do regime, foi organizada uma comemoração para a partida dos exilados portugueses que retornavam a Portugal, na Universidade de São Paulo. O ato

contou com milhares de estudantes (cerca de quatro mil pessoas) em plena ditadura brasileira. No discurso de abertura, Miguel Urbano Rodrigues reflete sobre as causas e as consequências do Salazarismo em Portugal, no entanto não se refere em nenhum momento ao regime ditatorial brasileiro. A abertura em Portugal representou o início dos debates no Brasil, que tinha já suportado a fase mais dura do regime (1968-1974) e possibilitou o avanço nas reflexões sobre os regimes totalitários no Brasil e no mundo. Os exilados retornaram a Portugal, mas agora sua causa era outra: ajudar os compatriotas brasileiros a eliminarem aqui a repressão e o totalitarismo.

Portanto, pensar o contexto sócio-político do Brasil e de Portugal é pensar com o periódico Portugal Democrático através de um de seus maiores colaboradores e membro do conselho editorial: Jorge de Sena.

### 5.1. Contribuições sócio-políticas de Jorge de Sena

Para cada homem com medo há cinco polícias.  
Para cada homem sem medo há dez polícias.  
Para cada berro há um tanque.  
E para cada verdade há um exército.  
(Fernando Lemos)

É pertinente à cultura brasileira relacionar-se à cultura portuguesa com resquícios da imagem colonizado - colonizador. Contudo, a mesma relação que pode ser marcada por aversão, pode também ser marcada por cordialidade. E é assim que se define a relação travada entre portugueses e brasileiros entre 1940 e 1974 – período de maior entrada portuguesa – durante a emigração de intelectuais portugueses para o Brasil devido à repressão do regime salazarista.

Jorge de Sena era pouco conhecido no Brasil e no mundo. Sua obra só foi melhor divulgada após o seu falecimento, apesar de conhecida por boa parte dos intelectuais brasileiros e portugueses. Após seu envolvimento na Conspiração da Sé, a qualquer momento poderia ser preso pela P.I.D.E., e para não pôr em risco sua família, veio para o Brasil a convite para o Congresso de relações luso-brasileiras em Salvador/BA, e após isso, recebeu o convite de Antônio Soares Amora para lecionar Teoria Literária na Faculdade de Assis, atual UNESP, em São Paulo. No testemunho cordial dado por Antônio Cândido acerca de seu amigo e cunhado<sup>12</sup>, adjetivos como “extrema versatilidade” e “notável personalidade” não são poupados quando se referem a Jorge de Sena, como segue:

Não sei como, era capaz de ler um livro complexo de um dia para outro e de escrever sobre ele uma resenha em que via mais do que tínhamos visto em leitura demorada. Isto não é modo de dizer, é alusão a fatos que presenciei.

(p. 28)

Graças à sua competência e ao Brasil, Jorge de Sena tornou-se professor universitário e apresentou sua tese de livre-docência sobre Camões. Com o golpe militar de 1964, Jorge de Sena já prenuncia o parentesco entre os dois regimes – o salazarista e o brasileiro – sistemas servidos de censura, tortura e repressão. Apesar de exilar-se novamente, e desta vez do Brasil, Jorge de Sena deixa registros sobre a ditadura brasileira na novela *O físico prodigioso* e nas peças teatrais *Império do Oriente*, *A demolição* e, principalmente, em *A morte do papa*. Nesta peça, ocorrem nítidas

---

<sup>12</sup> Antônio Cândido relata que se tornou padrinho de uma das filhas do casal Jorge de Sena e Mécia de Sena.



referências à instabilidade política vivida pelo Brasil de 1964. De acordo com Vasques (2002: p. 254),

O período de estada de Jorge de Sena no Brasil (1959-1965) corresponde, como se constata nestes e nos demais espetáculos a que mais adiante faremos referência, ao período de evolução assumidamente nacionalista ... e mais radical politização.

A epígrafe que dá início a este capítulo resume o pensamento de Jorge de Sena nas páginas de *Portugal Democrático*. Um pensamento crítico que foi capaz de enxergar a mordaza imposta ao seu povo, uma mordaza que ora era mascarada para os considerados “menos perigosos”, e por isso, apenas “cinco polícias”, e uma mordaza que poderia realmente ser feroz para aqueles que ameaçassem o regime, e assim, “dez polícias”. Nos dois casos, ameaças ou não-ameaças, a mordaza era necessária e o policiamento também. Como membro da comissão editorial, Jorge de Sena atua a partir de Janeiro/1960, como escritor do periódico, desde 1959. A partir do estudo realizado, foram analisadas 37 (trinta e sete) publicações do autor no periódico. Foram considerados textos pertinentes ao tema desta pesquisa as edições:

1. “Desta vergonha de existir ouvindo”: nº 29/Outubro-1959;
2. “Uma ditadura de juristas”: nº 35/Abril-1960;
3. Foto do autor no discurso em homenagem ao embaixador Álvaro Lins: nº 37/Junho-1960;
4. “O infante D. Henrique”: nº 39/Agosto-1960;
5. “A comunidade de estados portugueses”: nº 39/Agosto-1960;
6. “Política externa portuguesa”: nº 48/Maio-1961;
7. “As esquerdas”: nº 49/Junho-1961;
8. “Uma denúncia! A política internacional de Salazar”: nº 58/Março-1962;

9. “O Pânico”: nº 62/Julho-1962;

10. “A unidade”: nº 65/Outubro-1962;

Através de sua competência não só literária como política, Jorge de Sena foi capaz de tecer leituras críticas nas dez publicações selecionadas acerca do Salazarismo e de todo regime totalitário, e neste caso, da terra brasileira que o acolheu e o naturalizou também. É por meio de poesia, uma transformação da realidade por meio da transformação da linguagem, que Jorge de Sena tem seu primeiro texto publicado no periódico em estudo, uma leitura fina capaz de sensibilizar a todos sobre o que a repressão provoca nos homens, como se segue:

#### DESTA VERGONHA DE EXISTIR OUVINDO

Desta vergonha de existir ouvindo,  
amordaçado, as vãs palavras belas,  
por repetidas quanto mais traindo  
tornadas vácuas da beleza delas;

desta vergonha de viver mentindo  
só porque escuto o que dizeis com elas;  
desta vergonha de assistir medindo  
por elas as injúrias por trás delas

ao mesmo sangue com que foram feitas,  
ao suor e ao sêmen por que são eleitas  
e à simples morte de chegar-se ao fim;

desta vergonha inominável grito  
a própria vida com que às coisas fito:  
Calai-vos, ímpios, que jurais por mim!

A principal consequência do regime imposto por Salazar foi o silêncio. O silêncio dos intelectuais, o silêncio do povo simples e pobre. Um silêncio que não teve fim com a Revolução dos cravos em 1974, mas teve apenas o seu abrandamento. Tratou-se de um silêncio que levará décadas para ser superado, do mesmo modo que a ditadura no Brasil nos causou esse mesmo silêncio. Este grito, que o poeta deseja alcançar, parece que foi conquistado com a “missão portuguesa” no Brasil, nos termos de Antônio Cândido. Os intelectuais portugueses puderam desenvolver seus trabalhos, suas reflexões e tecer suas críticas sem nenhum impedimento, sem nenhuma “vergonha” e sem se sentirem “amordaçados”. O Brasil foi o caminho possível para que acadêmicos, engenheiros, operários e pessoas simples pudessem dar continuidade à vida sem temer a ida para os presídios da Ilha das Flores, Guiné, entre outras tantas paredes que presenciaram pensamentos e reflexões sendo esgotados dia a dia.

Na edição nº 35, a comissão editorial do jornal, do qual Jorge de Sena faz parte, elogia o embaixador brasileiro em Portugal – Álvaro Lins – pela sua coragem diante do governo português por honrar as normas de asilo político para refugiados e não acatar com as determinações do chefe de estado português. No texto com sua assinatura “Uma ditadura de juristas”, Sena faz uma breve análise de como o salazarismo se sustenta diante de seu povo e de outras nações:

O regime de Salazar manteve perante o mundo, durante muitos anos, uma imagem amável, de patriarcal benignidade, como se o povo português tivesse criado, com arte consumada, as condições para o domínio total por parte de uma oligarquia econômica e financeira que serve Salazar e por sua vez o dirige. Tem-se dito que o seu regime se caracteriza pelo cinismo organizado em sistema de governo. Nem o próprio Salazar acredita no que afirma.

Na publicação, Jorge de Sena mostra que o Salazarismo é um regime totalitário sem ideologia baseada ou dominante. Trata-se das decisões de um único homem, e nisto se assemelha ao fascismo, mas que não deseja ou almeja o bem de uma nação e de um grupo social. Ao afirmar que “nem Salazar acredita no que afirma”, Sena esclarece que o regime se sustenta na falta de oposição, e não numa ideologia forte, abrangente e comungada por todos. O regime também é sustentado por aqueles que precisam que o mesmo exista, seja qual forem as consequências para o povo que vive sob o seu jugo, como se segue:

E, aos poderosos do mundo, oferece as vantagens de uma moeda cara, do baixíssimo nível de vida de um povo que vive suando a diferença desse valor fictício da moeda, e de vastas riquezas ultramarinas cedidas aos “trusts” internacionais a troco de uma “estabilidade” política que lhes garanta uma exploração sem dificuldades. Como se explica que esta situação se haja prolongado durante trinta e quatro anos? Porque se constituiu paulatinamente, em silêncio, dividindo e jogando com as opiniões, adentro de uma desorientação aparente e sem objetivo visível.

Nenhum regime se sustenta por si mesmo. Faz-se necessário o apoio de outras nações, e no caso português, Inglaterra, E.U.A e tantas outras que se interessavam pelas colônias africanas e pela mão de obra barata do emigrante português, ou seja, para estas nações era benéfico que a opressão, a censura, e por conseguinte, o silêncio fossem impostos. No texto citado, Sena ainda comenta do apoio da Igreja Católica ao regime instituído em Portugal e que, em troca, mantinha sua influência no Estado, de forma cautelosa.

Na edição nº 39, Jorge de Sena faz alusão ao fundador da nação Portuguesa: o infante D. Henrique, que segundo a estória contada por portugueses, conquistou o Condado Portucalense das mãos de sua mãe, D. Teresa, através do Milagre de Ourique

no século XIV em que o próprio Jesus teria lutado ao lado do príncipe. Sena, então, capta uma dessas lendas nesta edição do periódico para ironizá-la. Primeiro, conta como de fato ocorreu a história com D. Afonso, desde o seu nascimento até todo o seu desenvolvimento e termina seu texto agradecendo ao príncipe por ter aberto as portas do colonialismo africano, num claro gesto de ironia:

Na medida em que foi um magnate pertinaz, cabe aos banqueiros colonialistas de Salazar comemorar o quinto centenário da morte do homem que lhes abriu as portas da escravatura africana.

Contudo, este mesmo D. Afonso Henriques que deu o primeiro passo em relação à colonização, pode ser visto por outro ângulo, o ângulo de portugueses que exaltam sua pátria e lutam por dias de liberdade:

Mas, na medida em que “deu novos mundos ao mundo”, na medida em que transferiu Portugal da posição de principado ibérico para a de potência mundial (...) o infante D. Henrique não pertence ao Portugal de Salazar, mas ao Portugal Democrático (...)

Em “A comunidade dos Estados portugueses”, Jorge de Sena explica o conceito de democracia almejado para Portugal, critica a posição dos democratas portugueses que fingem não enxergar a situação vivida pelo país:

(...) a verdade é que os democratas não podem, pelo silêncio, pactuar com cegueiras ou vaidades históricas que culminarão num desastre incalculável (...) nem exercem a sua consciência democrática, ao eximirem-se em nome de uma unidade tática, à formulação estratégica de propostas concretas, cuja discussão, alteração e adaptação, ao sabor das oportunidades, dos interesses e das opiniões políticas, é a própria natureza da democracia.

Discutir, opinar, alterar e adaptar são os verbos que Sena se utiliza para definir a palavra democracia. E acrescenta que estas ações devem acontecer sem a “força das

armas”, porque esta nunca “resolveu coisa alguma”. O autor ainda critica o exército português por manter o *status quo* de Salazar, e por irem nas guerras coloniais em África chamando seus suposto aventureirismo e “opressão mais desumana”, de “exercício magnânimo dos direitos e deveres da soberania”.

Na edição nº 48, de Maio/1961, Jorge de Sena discute a política externa portuguesa, uma política que se baseia no colonialismo africano levado às últimas consequências. Sena demonstra que antes de Salazar a política portuguesa era de exploração sentimental em relação ao Brasil e tratados de aliança com a Espanha e que até mesmo isso foi reduzido à hiper-exploração das terras em África. O autor afirma que é necessário dar um basta em tanta exploração, opressão e violência contra o povo africano e que enquanto Portugal se utilizar desta prática não é possível ir para frente. Após o *ultimatum* inglês em 1890 e a perda do Brasil enquanto colônia em 1822, Portugal volta-se para África e busca as mesmas riquezas vividas até então. Contudo, encontra países miseráveis, de população analfabeta e carente.

Que pensa o governo português continuar fazendo: ocupar militarmente os territórios imensos? Combater na Guiné, em Angola, em Moçambique, na Índia e no Timor? E, ao mesmo tempo, manter policialmente ocupada a metrópole europeia? (...) não é só o atual governo português que está perdido, mas qualquer outro que lhe suceda, se essa reconversão se não fizer. (...) O sangue de negros e de brancos vai cair irremediavelmente na cabeça de nós todos.

E, através de um texto que se refere não só ao Brasil e a Portugal, como também ao mundo politizado, Sena escreve “As esquerdas” – publicado na edição nº 49, em que disserta sobre o que significa ter o posicionamento esquerdista, e que não basta gritar se não há ideologia em que o grito se baseie. O esquerdismo não deve se basear no oportunismo, num contexto que o favoreça e esquecer-se enquanto esquerda depois que

o momento chega ao fim. Ser esquerda significa pronunciar palavras responsáveis e revoltar-se em prol de um objetivo maior, claro e definido. A esquerda, segundo Sena, necessita de organização e de projetos que possam ser concretizados. O mundo não vive de utopias, apenas parte delas para realizar ações concretas. Segundo Sena,

Nós, os que temos vinte anos de esquerdismo ou mais, que indefectivelmente insinuamos ou proclamamos um esquerdismo lúcido, consciente e responsável, passamos agora a vida ouvindo conselhos e exortações: o “papel” das esquerdas, a “responsabilidade” das esquerdas (...) longe de mim a ilusão de aceitar como “esquerdismo” o entusiasmo que certos aspectos aparentemente esquerdistas do mundo de hoje despertem (...) O pior inimigo de qualquer esquerda que se preze foi sempre o oportunismo.

Para o autor, ser esquerda é falar num Estado verdadeiramente democrático, um Estado que se distancie da Igreja Católica e seja laico com “total liberdade de culto e de ensino”, e que as democracias vividas na época são apenas uma fachada para que as direitas tradicionais continuem controlando o Estado. No texto “Uma denúncia! A política internacional de Salazar”, publicado em Março/1962, Jorge de Sena denuncia a política internacional de Salazar de transparecer Portugal como um país tranquilo, de “homens bons” e de cidades bem cuidadas.

No âmbito das relações luso-brasileiras, o periódico nº 62 destaca a importante participação de Luís Carlos Prestes e suas reflexões acerca do salazarismo. Tornou-se cotidiano para os emigrados portugueses em São Paulo reunirem-se com intelectuais brasileiros em reuniões, congressos, assembléias, entre outros, onde a construção intelectual crescia gradativamente de ambas as partes. No discurso de Prestes, o militante brasileiro oferece solidariedade aos militantes portugueses, e afirma

(...) a luta final contra os regimes fascistas de Portugal e Espanha estava sendo acompanhada com extraordinária emoção pela mocidade estudantil brasileira

cujo espírito revolucionário e libertário a levava a identificar-se com a causa dos seus companheiros de Lisboa e Coimbra. (...) Era, portanto, com entusiasmo, com incontida emoção, que a juventude paulista hipotecava a sua irrestrita solidariedade aos movimentos libertários de Portugal e Espanha.

Nesta mesma edição, faz-se o comentário acerca de conferências presididas por Jorge de Sena em São Paulo, bem como é publicado seu texto “O Pânico”, apontando o início da queda e o enfraquecimento do regime salazarista. Por fim, o último texto publicado pelo crítico Jorge de Sena chama-se “A unidade”, em que o autor revela a causa de toda e qualquer ditadura: a falta de unidade da oposição.

A unidade deve servir para que haja, como é necessário, controle mútuo, um controle mútuo que, coordenando os esforços, oriente as suspeições para o objetivo comum que é a derrocada do fascismo e a construção da democracia social que Portugal espera e necessita.

A causa disto? “(...) o imobilismo político a que todos se sujeitam.”, nas palavras do próprio autor. Qualquer revolução para que obtenha êxito, precisa antes ser uma revolução individual, uma “revolução sua”. Para Jorge de Sena, seu trabalho no *Portugal Democrático* representou as suas próprias palavras, representou a possibilidade de fazer uma “revolução sua”, não se silenciar diante dos acontecimentos de seu tempo, de fazer a diferença em meio a tantos homens comuns.

## 6. Conclusão



Este trabalho teve por objetivo analisar as contribuições do exilado e intelectual português Jorge de Sena nas páginas do periódico *Portugal Democrático*, publicado entre 1956 e 1975, mas que contou com a participação do intelectual em estudo entre 1959-1963.

Ao longo desta pesquisa, descobriu-se que as relações travadas entre brasileiros e portugueses basearam-se em ampla solidariedade e cordialidade numa luta de intelectuais com diversos posicionamentos ideológicos, mas que confluíam para um único fim: a verdadeira liberdade. O jornal *Portugal Democrático* representou para portugueses e brasileiros a possibilidade de falarem e de serem ouvidos. Ainda que o jornal tenha encerrado seus trabalhos em 1975, o periódico contribuiu para que os militantes brasileiros permanecessem firmes em sua luta, pois se até mesmo os portugueses alcançaram a liberdade de uma ditadura de quase meio século, por que nós também não alcançaríamos?

A conclusão a que se chega é que as relações luso-brasileiras basearam-se num mútuo espelhamento, em que os Portugueses, até 1964, admiravam a democracia implantada no Brasil e que os possibilitava o direito de voz e vez, e almejavam a mesma liberdade para o seu país. Contudo, o jogo das relações sociais inverte-se, e desta vez, são os brasileiros que se inspiram na militância ativa dos emigrantes portugueses – na voz do *Portugal Democrático* – para alcançarem a sua própria “Revolução dos Cravos”. De fato, não foram rosas jogadas na abertura política brasileira de 1978, mas sorrisos e respiros aliviados de tempos em que a História não apaga, mas deixa linhas rasuradas em seus livros.

Jorge de Sena foi apenas um intelectual imerso a um mundo em constante conflito e sem definições permanentes. A escolha deste trabalho por analisar o seu pensamento crítico deve-se a ser um intelectual cujos estudos ainda se encontram numa saudável adolescência, como nos diz o escritor português Helder Macedo. Sena representou a tentativa de um homem, com uma numerosa família, em não se calar diante de tudo que via e ouvia. Em sua publicação sobre o Infante D. Henrique, Jorge de Sena resume com clareza as idéias que expôs ao longo de seus anos no periódico: toda forma de poder deve ser analisada por múltiplos ângulos e olhares, porque o poder só o poder enquanto houver algum olhar que o permita ser.

## 7. Referências bibliográficas

BATAILLE, Georges. O erotismo: o proibido e a transgressão. 2.ed. Lisboa: Moraes editores, 1980.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). *Portugal Democrático*. Rio de Janeiro: Divisão de Periódicos, 1959-1974.

BRITO, Sandra Beatriz Salanave. *Sinuosos caminhos de abril: três olhares sobre a revolução dos cravos*. UFRGS: Instituto de Letras, 2009. (dissertação de mestrado)

CÂNDIDO, Antônio. Portugueses no Brasil. In: *O Albatroz e o Chinês*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004.

FAUSTO, Boris. O regime militar (1964-1985). In: *História do Brasil*. 13. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FIGUEIREDO, Mônica. Com humana crueldade se tece um conto – A propósito de “Homenagem ao Papagaio Verde”. In: *Jorge de Sena: Ressonâncias e cinquenta poemas / introdução e organização Gilda Santos*. – Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

GÂNDARA, Paula. Jorge de Sena, ou para o Exílio na palavra. In: *Jorge de Sena em rotas entrecruzadas*. org. Gilda Santos. Lisboa: Edições Cosmos, 1999.

GOBBI, Márcia Valéria Zamboni, FERNANDES, Maria Lúcia Outeiro & JUNQUEIRA, Renata Soares. *Intelectuais portugueses e a cultura brasileira: depoimentos e estudos*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

GORENDER, Jacob. *A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo: Editora ática, 1987.

LAGE, Maria Otília Pereira. *Correspondência (s) Mécia/Jorge de Sena*. Guimarães: Universidade do Minho, 2007.

LEITE, Dante Moreira. *Correspondência: registros de uma convivência intelectual*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

LIMA, David do Vale. *Sinais de um testemunho: a guerra civil espanhola e a prosa ficcional de Jorge de Sena*. Rio de Janeiro: UFRJ (dissertação de mestrado), 1996. 271p.

LIMA, Beatriz de Mendonça. *Uma nova legenda de S. Beda: “Mar de pedras” de Jorge de Sena*. Rio de Janeiro: UFRJ (dissertação de mestrado), 1996. 117p.

LISBOA, Eugénio. *Jorge de Sena*. Lisboa: Arcádia, 1979.

LOURENÇO, Jorge F. *A poesia de Jorge de Sena como testemunho, metamorfose e peregrinação – Contribuição para o Estudo da Poética Seniana*. Santa Bárbara: University of California, 1993.

\_\_\_\_\_. *O essencial sobre JORGE DE SENA*. Lisboa: Imprensa nacional – Casa da Moeda, 1987.

LOURENÇO, Eduardo. Viagem no imaginário crítico de Jorge de Sena. In: *Jorge de Sena em rotas entrecruzadas*. org. Gilda Santos. Lisboa: Edições Cosmos, 1999.

MACEDO, Helder. De amor e de poesia e de ter pátria. In: *Jorge de Sena em rotas entrecruzadas*. org. Gilda Santos. Lisboa: Edições Cosmos, 1999.

MARTINS, Ricardo Constante. *Ditadura militar e propaganda política: a revista Manchete durante o governo Médici*. UFScar: Centro de Educação e Ciências Humanas, 1999. (dissertação de mestrado)

MARTINS, Maria Antônia Dias. *Literatura portuguesa de resistência: a mulher, a guerra e o intelectual como armas de luta contra o salazarismo*. São Paulo: USP, 2006. (dissertação de mestrado).

REBELLO, Luiz Francisco. *O teatro português, da ditadura à liberdade*. Boletim 2000. São Paulo: UNESP, s/d, nº17-18.

RODRIGUES, Miguel Urbano. A luta na Imigração dos Antifascistas Portugueses conta a ditadura e o colonialismo. In: *O espaço e o tempo em que vivi*. Lisboa: Campo das Letras, 2004.

SANTOS, Gilda. O Jornal *Portugal Democrático*: Demandas do literário em meio à proposta política. *Léguas & meia: Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana: UERFS, v.4, nº3, 2005, p.59-69.

\_\_\_\_\_. *Uma alquimia de ressonâncias: O Físico prodigioso de Jorge de Sena*. Rio de Janeiro: UFRJ (tese de doutorado), 1989. 203p.

SARAIVA, José Hermano. *História de Portugal*. Portugal: Publicações Europa-América, 1995.

SILVA, Douglas Mansur da. *A oposição ao Estado Novo no exílio brasileiro 1956-1974*. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2006.

VASCONSCÉLOS, Taborda de. Correspondência arquivada. Seleção, prefácio e notas de Taborda de Vasconscélos. s/d.

<http://www.arqnet.pt/portal/discursos/maio01.html> (acessado em 22/02/2011);

<http://www.portugaldemocratico.org/> (Acessado em: 25/03/2011);

<http://www.letras.ufrj.br/lerjorgedesena> (acessado em 24/04/2011).

8. Anexos:

8.1. Imagens de Jorge de Sena e do Salazarismo em Portugal;



Jorge de Sena (1919-1978)



Entrevista de Jorge de Sena concedida a Leite de Vasconcelos em 19 de Julho de 1972.



Da esquerda para a direita: o intelectual brasileiro Antônio Cândido, Maria José e Jorge de Sena. Foto

retirada do site: <http://www.lettras.ufrj.br/lerjorgedesena>.



António Oliveira Salazar – chefe do Estado Novo Português (1932-1968).





Marcelo Caetano – chefe do Estado Português após o falecimento de António O. Salazar (1968-1974).



Revolução dos Cravos (25 de Abril de 1974).



Cemitério do campo de concentração de Tarrafal – principal local de presos políticos do regime

Salazarista.

## 8.2. Imagens do regime ditatorial brasileiro;

INFELIZMENTE

# DESAPARECIDOS

ATÉ HOJE.



Para que não se esqueça. Para que nunca mais aconteça.

Se você tem informações ou documentos sobre o período de 1964 a 1985, acesse [www.memoriarevelada.gov.br](http://www.memoriarevelada.gov.br). O sigilo de sua identidade é garantido.

Campanha veiculada na revista Veja, objetivando a obtenção de informações acerca da localização dos corpos dos mais de 140 desaparecidos políticos que ainda persistem no Brasil. A pesquisa acerca da história do major Cerveira teve origem a partir dessa matéria.



Wladimir Herzog – intelectual brasileiro ícone dos movimentos de resistência antiditadura.

## 8.2. Imagens de “Portugal Democrático”.



Dissertação de mestrado de Douglas Mansur da Silva acerca do periódico “Portugal Democrático”.

**PORTUGAL DEMOCRATICO**  
 SEMANAL DO COMITADO PORTUGUÊS DE LONDRA - ANO 9 - Nº 41 - SÃO PAULO, JUNHO DE 1961 - CADA Nº R\$ 1,00

**ANGOLA: UM MASSACRE INUTIL**



**A REFORMA INICIAL**

**Os generais de Salazar, entre a desobediência interna e tentativas de fuga, recusaram entregar os documentos ao almirante britânico e ao general francês, e os portugueses foram obrigados a abandonar o país e a fugir para o exílio. O almirante britânico e o general francês foram mortos em combate. O almirante britânico e o general francês foram mortos em combate. O almirante britânico e o general francês foram mortos em combate.**

**BOBESIAS**

Reportagem sobre as inúteis guerras coloniais travadas em Angola pela permanência colonizadora.

**PORTUGAL DEMOCRATICO**  
 SEMANAL DO COMITADO PORTUGUÊS DE LONDRA - ANO 9 - Nº 42 - SÃO PAULO, JUNHO DE 1961 - CADA Nº R\$ 1,00

**Os dois cadáveres**

**Mensagem do Sr. Jaime Cortesão**

**Falência económica do Governo Português**

**Fundado em Paris o «Comité Pré-Defesa das Liberdades em Portugal»**

**HOMENAGEM A ALVARO LINS**

**NÃO SE PODE GOVERNAR CONTRA A VONTADE PERSISTENTE DE UM POVO**



Editorial de Abertura de Jorge de Sena sobre “Os dois cadáveres” – Abril/1960.